

O dilema racial nas grafias biográficas sobre Machado de Assis / *The Racial Dilemma in the Biographical Writings about Machado de Assis*

*Paulo Alberto da Silva Sales**

RESUMO

Entre os anos 1908 e 1939, as leituras realizadas por diversos escritores e críticos sobre a vida de Machado de Assis revelavam um escritor avesso às questões raciais de seu tempo. Elas o acusavam de seu distanciamento dos temas sensíveis à época, tais como o Abolicionismo e a implantação da República. Os discursos de intelectuais e cientistas, motivados pelo espírito cientificista-racista no Brasil do século XIX, também influenciaram no apagamento da afrodescendência de Machado, que foi considerado branco em seu atestado de óbito. Somente no decorrer da década de 1930, a partir do bem-sucedido estudo crítico-biográfico de Lúcia Miguel Pereira (1988), começou-se a reivindicar a identidade negra do escritor. Isso posto, por meio dos estudos antropológicos, sociológicos e crítico-ensaísticos, situaremos os modos pelos quais o racismo científico, concomitantemente com fim da escravidão e com novo projeto político, influenciaram a consolidação de leituras brancas sobre a memória de Machado. PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Biografia; Afrodescendência; Racismo

ABSTRACT

Between the years 1908 and 1939, the readings made by several critics and writers about Machado de Assis's life revealed a writer averse to the racial issues of his time. They accused him of distancing himself from sensitive issues at the time, such as Abolitionism and the establishment of the Republic. The intellectuals and scientists' speech, motivated by the scientific-racist spirit in Brazil in the 19th century, also influenced in the erasure of Machado's Afro-descendance, who was considered white on his death certificate. Only during the 1930s, based on the successful critical-biographical study by Lúcia Miguel Pereira (1988), the writer's black identity began to be claimed. Through anthropological, sociological and critical-essay studies, we will situate the ways in which scientific racism, simultaneously with the end of slavery and the rise of the new political project, influenced the consolidation of white readings on the memory of the mestizo writer.

KEYWORDS: Machado de Assis; Biography; Afrodescendance; Racism

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IF-GOIANO, Campus Hidrolândia, Hidrolândia, Goiás, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-9980-2561>; paulo.alberto@ifgoiano.edu.br

E o mulatinho vivia horas de embriaguez, todo possuído pela sua jovem ambição, pela sua poderosa vocação para as letras. Que importava a pobreza, a cor, a origem humilde?

Lúcia Miguel Pereira

“A ideia que fazemos dos grandes vultos é, quase sempre, tão diversa da sua personalidade real como as estátuas dos homens de carne e osso que foram um dia¹”. Assim Lúcia Miguel Pereira (1988) inicia seu percurso narrativo-investigativo sobre a figura do homem e do autor de *Dom Casmurro*. A criação de imagens que foram cristalizadas em torno da compleição de Machado de Assis induziu leituras que o taxavam como um sujeito/escritor pouco interessado nas transformações sociais de seu tempo. As primeiras “memórias póstumas” escritas sobre o grande escritor, feitas pelos seus contemporâneos a partir ano de sua morte em 1908, o monumentalizaram por meio de rótulos que passaram a prevalecer no imaginário dos escritores e dos críticos que se detiveram em fazer leituras a seu respeito². As imagens mais recorrentes de Machado, à época, e que ainda persistem em aparecer em escritos mais recentes, tais como os de Ironides Rodrigues³, são as do homem da Academia Brasileira de Letras, do clássico, do heleno, do humorista, do ficcionista de estilo elegante, do pessimista reticente, do burguês caseiro, do homem grave e, sobretudo, da aura que o perseguiu nas duas primeiras décadas dos novecentos: a do “absenteísta” avesso à vida política, “que viu a Abolição e a República como quem assiste a espetáculos sem maior interesse” (Pereira, 1988, p. 20). A crítica, até a década 1940, acusa Machado de não se engajar, pelo menos de forma explícita, na luta abolicionista e nas questões raciais de seus irmãos mestiços e negros. A esse respeito, Gilberto Freire (1943), em *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*,

¹ Essa é a frase que introduz o primeiro capítulo da obra *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico* (1988), de Lúcia Miguel Pereira.

² Cf. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares 1908-1939* (2019), de Hélio de Seixas Guimarães e Ieda Lebensztayn. Ambos os críticos apresentam o percurso da “longa vida póstuma” de escritos sobre as feições que Machado fora adquirindo desde sua morte até o centenário de seu nascimento. De todos os escritos reunidos, os que mais destoam do reconhecimento da grandeza de Machado são os de Lima Barreto e, sobretudo, o de Mário de Andrade: “[...] De tudo quanto me dizem a obra e os críticos de Machado de Assis, consigo ver, com alguma nitidez arrependida e incômoda, a genial figura do Mestre. Ele foi um homem que me desagradava e que eu não desejaria para meu convívio” (Andrade, 1939 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 306).

³ Intelectual do movimento negro, Rodrigues (1997, p. 256) afirma que Machado se apresentava socialmente como um escritor branco que não sentia o sangue negro correr em seu coração. Essa mesma passagem de Rodrigues também é apontada por Eduardo de Assis Duarte (2020), em seu estudo crítico *Machado de Assis afrodescendente*.

destaca o “descompromisso” de Machado de Assis com o engajamento social e com a questão racial de seu tempo. Na visão do autor de *Casa grande e senzala*, a grafia de Euclides de Cunha se destaca frente a do “velho Machado” – que é visto por Gilberto Freire como um escritor demasiadamente “grego” e como o “mestre” das partidas de gamão e pelas rodinhas de piano” – devido ao fato de o “tapuia⁴” (Euclides) apresentar uma escrita na qual o autor se faz sentir com a dor do sertanejo nos *Sertões*. Freire, então, interpreta Machado como sendo um sujeito que se escondia “[...] por trás de personagens sempre brancos, ioiôs sempre finos, [que] se fazia adivinhar no *humour* dos seus romances [...], quase um inglês tristonho desgarrado nos trópicos” (Freire, 1943, p. 640, grifos no original). Além do intérprete Gilberto Freire, há outros escritores que não se identificavam com Machado e começaram a acusá-lo de não se engajar explicitamente na luta abolicionista. Dentre eles, destacamos Lima Barreto e Mário de Andrade. Sobre essa imagem de Machado alienado, no que se refere aos temas de urgência social de fins dos oitocentos, Lima Barreto, no texto “Uma fatia acadêmica”, publicado em 1919 no periódico *ABC*, descreve a figura machadiana como

[...] um homem de sala, amoroso das coisas delicadas, sem uma grande, larga e ativa visão da humanidade e da arte. Ele gostava das coisas decentes e bem-postas, da conversa da menina prendada, da garridice das moças. Quem inventou esse negócio de humoristas ingleses para ele foi o grande José Veríssimo, que admirava com toda razão Machado de Assis: mas eu sei bem por que ele inventou essa história... (Barreto, 1919 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 183).

Como se percebe, trata-se de *percepções de leitura*⁵ que foram sendo arraigadas a respeito da obra e da figura machadiana. Vale lembrar que, naquele momento de negação do passado e de renovação estética, a ênfase dos escritores modernistas se pautava na criação de uma literatura que representasse, por meio da linguagem e do conteúdo, as identidades e os vários brasis, com seus mais diversos problemas e desafios. Nesse mesmo

⁴ Gilberto Freire destaca a forte presença do espírito helenístico de fins do século XIX, bem como o do academicismo e da imitação do *English humour* que – segundo o qual Machado de Assis teria assimilado essa prática em sua escrita de forma genial – não escapariam, de tudo, na grafia de Euclides. Contudo, “há nele uma declaração expressiva: que se sentia ao mesmo tempo tapuia, celta e grego. Mas já era muito, em plena época de Coelho Neto e B. Lopes, admitir um escritor vitorioso no Rio de Janeiro que fosse um terço tapuio, e não completamente heleno” (Freire, 1943, p. 641).

⁵ O crítico Eduardo de Assis Duarte (2020), em *Machado de Assis afrodescendente*, também destaca essa questão.

período, há ínfimos registros de textos que se ocupassem da obra de Machado e, tampouco, do escritor. Hélio de Seixas Guimarães (2019, p. 20) destaca que, nessas duas décadas, o acervo digital de *O Estado de S. Paulo* registrou, em toda a década de 1920, apenas 126 textos que, de uma forma ou de outra, faziam algum tipo de menção ao autor de *Quincas Borba*. Mário de Andrade, principalmente, foi o carrasco de Machado, taxando-o como um “mimetizador de estrangeiros”, sobretudo dos franceses e dos ingleses. Em 1939, no ano do centenário do nascimento de Machado, Mário de Andrade, em uma carta a Maurício Loureiro Gama, relata:

Nem lhe quero contar o martírio que foram para mim esses três artigos porque, se adoro a obra de Machado como arte, pouco encontro nela lição e simplesmente detesto o homem que ele foi. É natural que o deteste porque se há dois seres moral, intelectual, socialmente antagônicos somos ele e eu. Imagine pois os malabarismos intelectuais que fiz pra, sem me trair, dizer tudo isso dentro de uma intenção geral celebrativa e apologética. Não só esgotei as ideias como me sinto esfalfado moralmente, numa espécie de tristeza vaga (Andrade, 1939 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 18).

Desse trecho retirado da carta de Mário, muito embora o modernista detestasse o homem que Machado foi, mesmo assim o autor de *Macunaíma* acaba por reconhecer a genialidade machadiana. A perspectiva de leitura de Mário de Andrade, em relação à suposta desvinculação de Machado às questões de seu tempo, começa a ser renovada com o passar dos anos por outros horizontes críticos. Sem sombra de dúvidas, na metade do século XX em diante, começaram a surgir outras formas de leitura que examinavam Machado com outros olhos. Os estudos de John Gledson (1998; 2003) e de Sidney Chalhoub (2003) – pautados na relação entre a ficção e a história, mais detidamente relacionados à deterioração do Segundo Reinado, à implementação da Lei do Ventre Livre, à Lei Áurea, à Abolição e à ascensão da República – possibilitaram que voltássemos a ler os escritos de Machado como aquele escritor que examinou e reescreveu a história social e política de seu tempo. Chalhoub, ao examinar os textos históricos da década de 1870, constatou o quanto a escrita de Machado está imbricada na ideologia de classes senhoriais que é, nos seus romances e contos, explorada por uma lógica satírica implacável. Ressaltamos, também, a primorosa leitura que o historiador realiza do

romance *Helena* (1876⁶), ao evidenciar um importante elemento que era comum nas políticas de domínio exercidas sobre escravos e descendentes: “em ambos os casos, e permanecendo sempre na ótica da classe dos senhores e proprietários, as relações sociais de dominação estão assentadas no pressuposto da inviolabilidade da vontade senhorial” (Chalhoub, 2003, p. 51). Esse elemento de extração histórica, vinculado à escravidão e que é problematizado em *Helena*, é apenas uma pequena demonstração do viés crítico machadiano investido nos problemas sociais de seu tempo. Outros contos, que também são dignos de nota no que se refere às chagas do escravismo, são, dentre outros, “Mariana”⁷ (1871), “O espelho” (1881), “O caso da vara” (1899) e “Pai contra mãe” (1906).

Apesar de ser um “escritor de hiatos significativos” (Piza, 2008⁸) e por se valer de fatos e de ideias de sua época e, também, de questões que são próprias do ser humano em qualquer época e em qualquer lugar, até o início dos anos 1930, pouco se escreveu sobre sua afrodescendência. No primeiro capítulo que abre o livro *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares (1908-1939)*, organizado por Hélio de Seixas Guimarães e Ieda Lebensztayn, há a construção de uma espécie de “memórias póstumas de Machado”, ou seja, são textos diversos de escritores e críticos que foram publicados logo após a morte do grande escritor até o ano em que se comemorou o centenário de seu nascimento. Textos como os de Rui Barbosa (“O adeus da Academia”, de 1908); Arthur Azevedo (“Palestra”, 1908); Euclides da Cunha (“A última visita”, 1908); Carlos de Laet (“A morte de Machado de Assis”, de 1908); Mário de Alencar (“Machado de Assis, páginas de saudade”, de 1910); José Veríssimo (“Machado de Assis crítico”, de 1913), dentre outras personalidades propagaram suas memórias em reconhecimento à grandeza daquele que seria alcunhado por Carlos Drummond como o “Bruxo do Cosme Velho”. Nesses textos, na sua grande maioria, constatamos, como bem aponta Hélio de Seixas Guimarães (2019, p. 14), termos religiosos, tais como “reliquias”, “romarias”,

⁶ Assim como o conto “O caso da vara”, que em seu início faz menção ao ano de 1850, a narrativa *Helena*, embora fosse publicada na década de 1870, também transcorre no mesmo ano da história da negra Lucrécia. Trata-se da alusão proposital de Machado à Lei 581, mais conhecida como Lei Euzébio de Queirós, que proibiria o tráfico de escravos.

⁷ Integra *Contos na imprensa*. O original saía no *Jornal das famílias*, em 1871. Machado assinou como J.J. Ver: https://machadodeassis.net/texto/mariana/39389/comment_id/39392.

⁸ Apesar do estudo de Daniel Piza (2008) ser bem realizado no que diz respeito à recriação da figura e da obra de Machado, ele pouco tratou de sua questão afrodescendente. Por esse motivo, elegemos a biografia de Lúcia Miguel Pereira como a que melhor nos permite examinar a questão racial em Machado.

“peregrinação”, “culto” que comprovam o reconhecimento póstumo de seus pares ao patrono da literatura brasileira.

Contudo, essa canonização em curso e a transformação do escritor em um modelo a ser seguido também “é acompanhada pela produção de clichês e muitas considerações vazias” (Guimarães, 2019, p. 14). Isso porque existia uma expectativa, por parte dos leitores, desde a postulação de uma literatura nacional no período pós-independência, a partir dos anos 1830, de que a literatura fosse uma representação direta das especificidades da nação. Nesse sentido, ao menos visivelmente e na superfície descritiva dos textos, Machado acaba frustrando seus leitores por tratar pouco da paisagem brasileira e por quase não se deter nos costumes. Já a crítica que Machado faz à própria sociedade brasileira, bem como à formação histórica e social é raramente mencionada. Há de se destacar, também, que o escritor circulava ativamente por entre os grandes jornais, bem como participava dos principais acontecimentos que envolviam a elite intelectual. Ele funda a ABL e cria, para si, um lugar de respeitabilidade e de reconhecimento literário, sendo seu presidente vitalício. Isso prova que o homem/o autor estava atento às questões político-sociais as quais vivenciou. Logo, a questão a ser refletida, a nosso ver, é a seguinte: pelo seu estilo elegante, repleto de ironias e de aforismos filosóficos, as críticas de Machado à escravidão – e mesmo à República – aparecem “elaboradas demais” e, por esse motivo, seus contemporâneos o rotularam de alienado. Como sabemos, seus textos exigem que os leitores penetrem profundamente na estrutura textual para, então, reconhecerem a agudeza crítica e áspera de sua escrita.

O afrodescendente ilustre

Em meados de 1930, começa-se a ler Machado como representante, a seu modo, dos problemas de seu tempo. Sobre tudo em 1936, por meio dos estudos pioneiros de Lúcia Miguel Pereira (1988), reconhece-se a condição mestiça do escritor. Novas perspectivas de leitura, a partir de então, passam a se ocupar da vida e da obra de Machado. Ao revisitarmos a biografia de Pereira sobre Machado, constatamos o empenho dessa estudiosa na reconstrução de uma trajetória de vida do outro, sobretudo no reconhecimento da sua origem afrodescendente. Nesse estudo crítico-biográfico, o leitor

é convidado a interagir com os resquícios de vida do eu machadiano reconstituído por palavras, tendo em vista que essa reconstituição de Machado, ao recorrermos aos termos de Bakhtin,

está diretamente integrada ao mundo imediato (ao clã, à nação, ao Estado, à cultura), e esse mundo imediato, a que pertencem a personagem e o autor – mundo da alteridade –, é um tanto condensado em termos de valores, consequentemente, um tanto isolado, mas esse isolamento é natural-ingênuo, relativo e não de princípio, não estético. A biografia não é uma obra e sim um ato estetizado orgânico e ingênuo, praticado em um mundo imediato investido de autoridade semântica, por princípio aberto mas organicamente autossuficiente. [...] A biografia é uma dádiva que recebo dos outros e para os outros. (Bakhtin, 2010b, pp. 152-153)

Como exemplo salutar desse processo de reconstituição da vida e da obra de Machado, a biografia de Lúcia Miguel Pereira é aquela que melhor situa a condição mestiça do biografado. Nela, deparamo-nos tanto com os percalços de vida – a epilepsia – desde a sua infância no Livramento até a sua ascensão na ABL, seu reconhecimento ainda em vida e sua morte. Paralelamente à reconstituição e à reinterpretação de vestígios vividos, Pereira os articula a elementos da obra ficcional de Machado, bem como faz comentários críticos. Além disso, à medida que os livros de Machado vão sendo publicados, ela os comenta. Interessante ressaltar, também, a relação entre a vida e a obra de Machado que a biografista apresenta. Em sua leitura, a primeira fase da ficção machadiana – sobretudo a de seus romances – seria aquela que representasse, de certa maneira, a ascensão social do escritor. Essa analogia é bastante produtiva quando relacionamos a trajetória de vida de Machado com as histórias de vida das heroínas dos romances *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*⁹. Em todas essas narrativas, as protagonistas são mulheres que ascendem socialmente. Já na segunda fase da obra de Machado, iniciada por *Memórias póstumas de Brás Cubas* e findada por *Memorial de Aires*, os romances podem ser lidos por meio da perspectiva de protagonistas masculinos que detêm boa condição social e que, por sua vez, enfrentam problemas existenciais, morais, éticos, dentre outros¹⁰. Para a historiadora Andréa Camila de Faria (2012), Lúcia

⁹ Todas as menções aos romances e aos contos de Machado, citadas de forma direta e indireta, foram retiradas do site <https://www.machadodeassis.net/obra>.

¹⁰ Não estamos a afirmar que essas questões não apareçam na primeira fase. Todavia, na voz dos narradores Brás, Bento Santiago e do Conselheiro Aires, essas questões ganham dimensões conflitantes.

Miguel Pereira renovou o método da escrita de biografias no Brasil. Segundo Faria, a biógrafa se vale de usos de 86 questionamentos e afirmações como recursos narrativos na biografia:

Miguel Pereira lança suas “interpretações” que são voltadas, ao mesmo tempo, ao biografado e ao leitor. Ou seja, as biografias eram segundo ela [Lúcia Miguel Pereira] – e de acordo com as premissas dos que advogam em favor da biografia moderna – mais do que um texto literário, eram um modelo de escrita da história, talvez até, o modelo ideal. Assim, lançar questões era seduzir o leitor, convidá-lo a participar da narrativa e, sobretudo, fazer com que ele se interessasse pela história, espiando-a através dos olhos de nomes representativos para o país. Era permitir-se certo nível de criação para tornar mais fácil a restauração do tempo passado, mas uma criação mediada pelo conhecimento histórico. Era, principalmente, utilizar-se de um recurso estilístico para buscar sensibilizar o leitor (Faria, 2012, p. 5).

Por ser mais “realista” do que outros gêneros e outras escritas de si, a escrita biográfica possui, segundo Bakhtin, menos elementos de isolamento, acabamento e apresenta “um jogo com a pura vida como valor de fabulação, livre de qualquer responsabilidade no acontecimento único e singular da existência” (Bakhtin, 2010b, p. 146). Essas sutilezas sobre a escrita biográfica nos remetem, diretamente, ao problema de como compreender a história de uma vida. Dito isso, retomemos aos elementos de nosso mestiço biografado, mais especificamente, ao seu nascimento.

Nos idos de 21 de junho de 1839, há exatos 184 anos, nascia o mulato (termo – hoje pejorativo – bastante utilizado por Lúcia Miguel Pereira) Joaquim Maria Machado de Assis, no morro do Livramento. A respeito de seu nascimento, Pereira, no prefácio à terceira edição de *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*¹¹, adverte o leitor a respeito de uma informação de grande valia que ela veio ter em mãos: o registro de batismo de Machado. Nesse documento, a maternidade do primogênito é conferida à Maria Leopoldina Machado de Assis e a paternidade a Francisco José de Assis. Quanto à questão racial dos pais de Machado, a mãe era de origem açoriana, portuguesa, e o pai tinha a origem “infinitamente mais importante que a materna” (Pereira, 1988, p. 12).

¹¹A primeira edição é de 1936. Em 1939, foi lançada a segunda edição em homenagem ao centenário do nascimento de Machado. A terceira edição é datada de 1944. Nesse estudo, utilizamos a sexta edição, de 1988.

Além disso, Machado era neto de escravos forros. Vivia, como salienta Pereira, uma vida simples. Esse cordão umbilical de sua prole e, sobremaneira, de seu progenitor

[...] o marcaria para sempre, o que condicionaria as suas reações diante dos homens e da vida, seria a cor que herdara do seu pai, e que a mãe pode ter atenuado, sem contudo deixar menos visível. Aliás, sendo mestiço, toda a gente supunha, ainda antes de se conhecer esses documentos, que [o pai] tinha também sangue branco, provavelmente português (Pereira, 1988, p. 12).

Nesse excerto, constatamos a ênfase da autora no reconhecimento e na valorização dos traços negros do escritor carioca. Muito embora Machado de Assis nunca tenha se declarado mulato, negro ou mestiço, entendemos que, pela própria trajetória do autor, pelas suas constantes superações pessoais, pela posição de respeitabilidade que conquistou, além do racismo determinista-racista impregnado na sociedade nos últimos anos do Império e no início do século seguinte, era preferível à elite intelectual – e para que ele próprio pudesse ser “aceito” – que o maior escritor brasileiro não abordasse sua origem mestiça. Essa questão racista presente na elite e em todas as esferas sociais se torna nítida quando nos deparamos com os discursos pseudo-cientificistas importados, naquela época, para este lado de cá do Atlântico.

Raça, racismo

O conceito de formação racial, surgido em torno dos debates da década de 1930 (Guimarães, 2001), começou a ser articulado em território brasileiro ainda no período monárquico. A Abolição da escravatura marcou o início do surgimento do que, mais tardiamente, poderíamos relacionar, em termos culturais e sociais, como a identidade política negra no país. Assim,

[Raça], cor e cultura foram durante muito tempo categorias de posição social [no Brasil]. Pelo menos até começo do século XX, eram categorias totalmente naturais; somos uma nação que se formou com a escravidão, e essa escravidão não era uma escravização generalizada de todos os povos, mas somente daqueles localizados numa determinada parte do continente africano (Guimarães, 2021, p. 40).

A esse respeito, o sociólogo Antonio Sergio Alfredo Guimarães (2021), em *Modernidades negras*, examina as historiografias recentes a respeito da escravidão e do processo Abolicionista ainda no século XIX. De seus estudos, podemos destacar o surgimento de um “nativismo negro” que aflorou em diversos intelectuais e artistas afrodescendentes, tais como Manuel Querino, Astolfo Marques, Nascimento Moraes, Arthur Timóteo, Lima Barreto, entre outros¹². Em sua visão, a estrutura dos sentimentos que os une era “uma fusão entre o desejo de livrar-se do pré-conceito de cor e do estigma da escravidão e um pensamento social que imagina a nação como mestiça” (Gato; Rios, 2021, p. 11). Na percepção de Antonio Guimarães, a dicção presente nos discursos desses escritores e pensadores pioneiros marcaria o processo de inclusão simbólica dos descendentes africanos brasileiros à sociedade ocidental naquilo que se tornaria a modernidade negra.

Os estudos relacionados à identidade racial, principalmente consolidados entre os anos 1930 a 1980, propiciaram ler os textos machadianos e, também, suas biografias e os escritos de seus contemporâneos a seu respeito sob a perspectiva negra e não mais feita, somente, por grafias brancas a respeito dos mestiços e/ou dos negros. No que diz respeito às biografias mais condizentes com as questões raciais do autor, damos o crédito, mais uma vez, à Lúcia Miguel Pereira. Essa identidade mulata destacada no texto crítico-biográfico de Pereira influenciou definitivamente a recepção posterior dos textos machadianos. A nosso ver, os dois primeiros capítulos da importante obra de Pereira dão visibilidade às questões raciais do autor, bem como dos reflexos dessa questão em sua escrita.

Uma outra grafia de teor biográfica pouco conhecida pela crítica e que, também, destaca a identidade mestiça de Machado é de autoria do escritor Humberto de Campos (1886-1934). O texto é intitulado “O menino do morro” e foi publicado, originalmente, no *Diário de São Paulo*, em 1933. Campos, em ocasião do aniversário de 25 anos da morte do grande mestre, cria uma pequena narrativa de cunho biográfico. No início de seu texto, o crítico evoca a imagem de Machado que mais lhe toca: a do menino mestiço, com 10 anos de idade. Filho do mestre “Chico” pintor, sacristão do padre Silveira Sarmento na Igreja Lampadosa e aprendiz de tipógrafo, a identidade afrodescendente do

¹²Embora o sociólogo reconheça a grandeza de Machado, ele não o vê como um expoente dessa modernidade negra.

então Machadinho é logo destacada: É, em suma, o menino humilde, e o rapazola obscuro, de que devia sair, aos poucos, uma das individualidades mais fortes, e mais expressivas, da cultura brasileira, de todos os tempos” (Campos, 1933 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 250). A imagem que vem aos olhos de Campos, diferente da construída por Gilberto Freire, Lima Barreto e por Mário de Andrade, é a da criança no morro, em seu período mais ignorado pelas críticas biográfica e literária, ao apresentar-se “[...] com sua carinha escura e pálida, com todos os estigmas da criança pobre” (Campos, 1933 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 250). Vale a pena transcrever uma passagem na qual Humberto de Campos reconstrói esses percalços do menino Machado. Pelas descrições, a narrativa se assemelha às vivências de afrodescendentes no tempo presente. Os leitores, sobretudo os mais jovens, de origem humilde, que travam batalhas cotidianas e que ainda enfrentam preconceito racial, ao lerem esse texto poderão se inspirar na trajetória de vida do maior escritor brasileiro. Eis um dos trechos mais tocantes de “O menino do morro”:

Pela manhã, com o sol ainda embrulhado nas nuvens do horizonte, sai ele da casinha triste de operário modesto, a calça de riscadinho acima do joelho, os pés descalços, a camisa aberta ao peito. Vai lá embaixo, na rua, comprar, para a mãe doente e cansada, a libra de carne, e um pouco de arroz. O pai, madrugador, já se foi para o trabalho, dar as últimas pinceladas no frontispício de uma casa, para as bandas de Botafogo. Tendo de fazer a viagem a pé, saiu ainda com escuro. E o menino Joaquim Maria lá se atira, morro abaixo, assoviando, e abaixando-se de vez em quando, a fim de apanhar uma pedra com que espante um lagarto ou faça pontaria num passarinho... Quem encontrar naquelas alturas, e àquela hora, o filho de Maria Leopoldina dirá, por acaso, que ele possa escrever, um dia, o *Memorial de Aires*, ou as *Memórias póstumas de Brás Cubas*?

Às nove horas, lá se vem ele, de novo, para a rua, descendo o morro. Aonde vai, que vem de roupa mudada? A calcinha é a mesma. A camisa, porém, substituída por uma blusinha do mesmo pano grosseiro, e traz, agora, chinelas de couro, que arrasta na ponta do pé (Campos, 1933 *apud* Guimarães; Lebensztayn, 2019, p. 250).

Nessa reconstrução narrativo-biográfica pueril de Machado, percebemos a humanização da sua figura que, raríssimas vezes, pode ser lida como um sujeito afrodescendente. As dificuldades que as famílias, sobretudo de origem negra, enfrentam no dia a dia nas grandes comunidades do Rio de Janeiro e em outros lugares são vislumbradas na reconstituição do nosso maior escritor. A falta de recursos para alimentação, a vestimenta precária e os escassos meios de locomoção, tão comum às

populações marginalizadas, são representadas em “Menino do morro”. Esse escrito pouco conhecido dialoga bem com a perspectiva reconstrutiva narrativo-biográfica de Lúcia Miguel Pereira. Além de Pereira e de Campos, outro estudioso, mais recente, que também reivindica a afrodescendência machadiana, é Eduardo de Assis Duarte (2020). Em seus estudos, esse crítico destaca como a biografia de Machado evidencia a ascensão de um afrodescendente, que proveio das margens da estrutura social para se aproximar da elite carioca da época. Ele transitou pela imprensa, literatura e pela maquinaria governamental. Para esse crítico, alguns desafetos atacaram esse “aburguesamento” de Machado, que corresponderia à sua adoção de práticas sociais e literárias dominantes de origem europeia, bem como, também

afirmou-se, inclusive, que o uso de barba e bigode, quase obrigatório entre os homens de seu tempo, teria como objetivo o disfarce dos traços negroides. Isto sem falar dos polêmicos retoques para clarear a pele nos estúdios fotográficos da época. Tais lugares-comuns, somados à ausência de um herói negro em seus romances, fundamentaram em grande medida a tese do propalado absenteísmo machadiano quanto à escravidão e às relações interétnicas existentes no Brasil do século XIX (Duarte, 2020, p. 10).

Endossa essa perspectiva de Duarte, no que se refere ao reconhecimento da mestiçagem de Machado, o entendimento de Lúcia Miguel Pereira, segundo a qual não seria possível desvincular a criação ficcional dos percalços vividos pela criança e pelo Machado no morro do Livramento. Para ela, “como Machado escritor é uma realidade insofismável, uma personalidade forte e marcada, não podemos deixar de concluir que o homem não foi o que pareceu – ou quis ser” (1988, p. 21). Tendo em vista essas questões, entendemos que a miscigenação racial, tão presente no Brasil no século XIX – sob a influência dos modelos raciais europeus adotados aqui – foi decisiva para o processo de embranquecimento da imagem de Machado, bem como da rotulação, por algumas grafias, de seu aparente desinteresse pelas questões raciais.

Ainda em relação às pesquisas de cunho social e antropológico, Antonio Sérgio Guimarães também confirmam que, até os anos 1920, havia de forma predominante a representação discursiva de negros por meio de grafias brancas. Ainda que no mundo político se destacassem no contexto abolicionista figuras assumidamente afro-brasileiras como José do Patrocínio e André Rebouças, no panteão das letras, ocasionalmente seria

“integrado um negro talentoso, como Cruz e Souza (1861-1898) ou um mestiço como Machado de Assis” (Guimarães, 2021, p. 74). Sérgio Guimarães acresce, ainda, que apesar da importância do reconhecimento do poeta negro e do escritor mestiço, esses autores não serão lidos como representantes de literatura de viés afrodescendente. O racismo científico, impregnado no meio intelectual e na sociedade como um todo, passou a rotular os autores negros como “menores”, “subalternos” ou mesmo foram silenciados. Então, contra essa anulação do ativismo afrodescendente e da identidade negra é que se funda, segundo Sérgio Guimarães, a modernidade negra. Esse ativismo negro parte da afirmação da existência de mais de uma percepção da arte negra como válida: a feita por brancos sobre negros, a de negros sobre si mesmos, etc. Como evidenciamos, no caso específico da ascendência negra de Machado, reconheceu-se pouco suas raízes afrodescendentes. Uma das razões pelas quais isso pode ser explicado seria o fato de que

tendo que lutar contra a inferioridade da educação, de sopitar impulsos de nevrose, de desmentir o proverbial espreitamento do mestiço, querendo impor-se aos brancos, aos bem-nascidos, Machado de Assis, num movimento instintivo de defesa, tratou de se esconder dentro de um outro tipo, não era bem o seu, mas que lhe representava o ideal: o do homem frio, indiferente, impassível. Meteu-se na pele dessa personagem, crendo sem dúvida que se elevava, na realidade amesquinhando-se, esquecido de que seus livros o traíam – ou o salvavam (Pereira, 1988, p. 25).

Segundo Lilia Schwarcz (1992), o Brasil, em finais do século XIX, era apontado como um caso único e singular de extrema miscigenação racial. Entre as décadas de 1870 a 1930, a ideologia predominante era a de que a mestiçagem condenava o país ao fracasso. Nas palavras do polímata Silvio Romero (1949), formamos um país de mestiços, se não presente no sangue de todos, ao menos, na alma. Nesse “festival de cores” típico de uma “sociedade de raças cruzadas” surgiram jovens centros brasileiros de saber científico que solidificaram o racismo entre nós. Foi instituído, naquele período, segundo Schwarcz, um modelo racial de análise respaldado por uma percepção bastante consensual entre os membros da elite e os cientistas da época. Trata-se do processo de branqueamento da população por meio do cruzamento das raças, ideia, essa, fortemente vinculada à consolidação e ao crescimento da jovem nação republicana. A imagem propagada a respeito do mestiço – tido como “impuro” e “vira-lata” (Lacerda, 1911) – explica, por

exemplo, o incentivo, por parte do governo republicano, à campanha de imigração de alemães, de italianos, de portugueses e de outros povos europeus para ajudarem no processo de embranquecimento do Brasil. A esse respeito, Schwarcz (1991, p. 18) destaca: “De fato, a hibridação das raças significava nesse contexto ‘um tumulto’, como concluía o jornal *A província de São Paulo*, de 1887”. A estudiosa cita, ainda, um evento internacional que ocorreu no início do século XX, em Paris, e lido 112 anos depois, causou imensa indignação. Trata-se do *Premier Congrès Universel des Races* [I Congresso Internacional de Raças], realizado entre os dias 26 a 29 de julho de 1911, no qual João Batista Lacerda, o então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, fora convidado para ministrar uma fala como um “típico representante de um país mestiço”. Sua tese intitulada “*Sur les métis au Brésil*” [Os mestiços no Brasil] é direta e objetiva: “O Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução” (Lacerda, 1911; tradução nossa). Ao nos valermos do texto da palestra em língua francesa, podemos abstrair elementos que sustentaram o racismo impregnado nas teorias científicas da época. Eis um trecho do referido pronunciamento:

Aceitando este critério que me parece mais fisiológico e natural que todos os outros, não encontro dificuldade em admitir que o homem branco e o negro formam duas raças, e não duas espécies, porque ninguém ignora que a raça mista, resultante do cruzamento de branco com preto são férteis por muito tempo em uma sucessão de gerações. Se, no entanto, o branco e o preto preservarem separadamente por tempo indeterminado as características próprias de sua raça, - o que constitui a sua fixidez, - não há nenhum produto de seus cruzamentos. Os vira-latas [mestiços] não formam uma raça verdadeira, seguindo o falta de fixidez de muitas características físicas que estão sujeitas a variar a cada nova travessia, às vezes inclinando-se para o tipo branco, às vezes para o tipo preto. Esta tendência inata do vira-lata, privando-o de qualidades específicas de uma raça fixamente constituída, tem um valor considerável nas transformações que as populações sofrem ao longo do tempo mista, onde as travessias não obedecem a regras sociais precisas, onde as pessoas mestiças têm total liberdade para unir-se aos brancos, fornecendo produtos cada vez mais próximos do branco do que do preto. E esta é precisamente a condição atual de populações mistas do Brasil (Lacerda, 1911, pp. 7-8; tradução nossa¹³)

¹³No original: “Acceptant ce critérium qui me paraît plus physiologique et naturel que tous les autres, je ne fais aucune difficulté d’admettre que l’homme blanc et le noir forment deux races, et non pas deux espèces, car personne n’ignore que les métis, issus du croisement du blanc avec le noir, sont féconds pendant une longue suite de générations. Si, cependant, le blanc et le noir isolément conservent pour un temps indéfini les caractères propres de leur race, — ce qui en constitue la fixité, — il n’en est pas de même des produits de leur croisement, des métis. Ceux-ci ne forment pas une race véritable, par suite du manque de fixité de

Nesse trecho transcrito, bem como em toda a palestra, percebemos o extremo racismo presente na configuração das raças que perdura, de outros modos, até os tempos hodiernos. Acreditava-se que a raça negra seria inferior à branca e que o futuro do Brasil, no sentido do progresso da nação, se encontraria no branqueamento de sua população. Para fundamentar esse absurdo, Lacerda se volta ao quadro de M. Broccos, artista da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, para exemplificar esse processo ao qual os negros e os mestiços deveriam ser submetidos. A partir da pintura, Lacerda afirma: “*Le nègre passant au blanc, à la troisième génération, par l’effet du croisement des races*” [O negro passa a ser branco, na terceira geração, pelo efeito do cruzamento de raças] (Lacerda, 1991, p. 3; tradução nossa). A esse respeito, Schwarcz explica que a mestiçagem existente no Brasil não só era descrita, mas também adjetivada pejorativamente. Com a promulgação da Lei do Ventre livre, em 1871, que começou a dismantelar a escravidão, o número de cativos começou a diminuir. Nesse sentido, como a escravidão era o que sustentava o Império por meio de uma sociedade escravista plenamente desenvolvida, os intelectuais “modernizadores” começaram a se destacar. Machado de Assis, por seu turno, manteve-se cético em relação às tais grandes inovações da ciência. Joaquim Nabuco e André Rebouças, embora monarquistas, pregavam reformas sem alteração do quadro político-institucional do país.

Ao se deter a esse mesmo contexto cientificista-racista de fins do século XIX, o historiador Ricardo Salles (2013, p. 25) lembra que Sílvio Romero e mesmo Euclides da Cunha acabaram por se renderem às teorias que prescreviam a inferioridade racial do povo mulato e mestiço. Ainda segundo Salles, Machado de Assis, mais uma vez, volta-se contra esse absurdo. Já descrente das barbaridades do momento que vivia, Machado ironizava as ideias de progresso e de fé no futuro republicano. O escritor, então, preferiu se afastar desses embates políticos. Contudo, em *Esaú e Jacó* (1904), há a presença do olhar “míope” a respeito dos ingredientes ideológicos e morais da vida política nacional,

beaucoup de caractères physiques qui sont sujets à varier avec chaque croisement nouveau, penchant tantôt vers le type blanc, tantôt vers le type noir. Cette tendance innée du metis, le privant des qualités propres d’une race fixement constituée, a une valeur considérable dans les transformations que subissent, pendant le cours des ages, les populations mélangées, où les croisements n’obéissent pas à des règles sociales précises, où les metis ont toute liberté de s’unir aux blancs, fournissant des produits qui se rapprochent chaque fois davantage du blanc que du noir. Et c’est là, précisément, la condition actuelle des populations mixtes du Brésil”.

bem como a minimização da emergência de uma República instituída por um golpe. Assim agiu e escreveu Machado afrodescendente, um escritor que foi bastante atento e consciente acerca dos problemas de seu tempo e de sua questão racial, tanto que soube ascender socialmente e soube, também, se “camuflar” na elite e no meio literário como uma forma de resistência às práticas racistas de seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Machado de Assis, 1939. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares – 1908-1939*. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019. pp. 291-312.
- ASSIS, Machado de. Mariana. In: *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas John Gledson. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 151-170.
- ASSIS, Machado de. *Máximas, pensamentos e ditos agudos*. Seleção e apresentação Hélio de Seixas Guimarães. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010. pp. 3-192.
- BARRETO, Lima. Uma fatia acadêmica (1919). In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares – 1908-1939*. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019, pp. 175-184.
- CAMPOS, Humberto de. O menino do morro. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares – 1908-1939*. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019. pp. 247-252.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente: antologia e crítica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- FARIA, Andréa. Lúcia Miguel Pereira e a renovação da escrita biográfica no Brasil. In: RANGEL, Marcelo; PEREIRA, Mateus; ARAUJO, Valdeni (Orgs.). *Caderno de resumos & anais do 6º Seminário Brasileiro de História da Historiografia – o giro-linguístico e a historiografia: balanço e perspectivas*. Ouro Preto: EdUFOP, 2012.
- FREIRE, Gilberto. Euclides da Cunha. In: FREIRE, Gilberto. *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- GATO, Matheus; RIOS, Flavia. Introdução. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2021. pp. 7-14.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução Sônia Coutinho. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

- GLEDSON, John. Os contos de Machado de Assis: o manchetes e o violoncelo. In: ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Vol. 1. Seleção, introdução e notas John Gledson. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 15-55.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2021. pp. 45-66.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A modernidade negra. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2021. pp. 67-89.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Novos Estudos CEBRAP*, v. XX, n. 61, pp. 147-162, 2001.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. O estudo das raças e sua formação histórica. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Modernidades negras: a formação racial brasileira (1930-1970)*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2021 pp. 21-44.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Uma longa vida póstuma. In: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares – 1908-1939*. 1. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019. pp. 9-23.
- LACERDA, João Batista. *Sur les metis au Brésil*. Paris: Imprimerie Devougue, 1911.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- SALLES, Ricardo. *Nostalgia imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ponto, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em 11/04/2024

Aprovado em 01/07/2025

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo “O dilema racial nas grafias biográficas sobre Machado de Assis” trata de um assunto em voga, por meio do qual se visa traçar um novo perfil de Machado de Assis e, assim, retificar as chamadas “leituras brancas” sobre o escritor. Embora essa temática seja importante por construir uma imagem menos parcial do autor de Brás Cubas, o articulista não é eficaz em seu propósito, fundamentando seu ponto de vista em biógrafos e estudiosos em face dos quais não assume o necessário distanciamento crítico. Além disso, o artigo não é orgânico em sua concepção, apresentando falhas quanto à sequencialidade; a correção linguística também deixa a desejar, conforme os comentários, acrescidos ao texto, comprovam. Recomenda-se que o artigo seja aceito para publicação, desde que as correções sejam realizadas. CORREÇÕES OBRIGATÓRIAS [Revisado]

Juracy Ignez Assmann Saraiva – Centro Universitário Feevale, Campus II, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1783-2850>; juracy@feevale.br

Parecer emitido em 14 de junho de 2024.

Parecer III

O estudo apresenta um panorama muito bom da questão racial nas principais biografias dedicadas a Machado de Assis, revelando também ótimo conhecimento da obra literária do escritor. O título é adequado, bem como o desenvolvimento dos objetivos propostos. Imprescindíveis estudos recentes são retomados e considerados na discussão, que é apresentada em linguagem adequada à comunicação científica.

-- Sobre a primeira citação de Bakhtin no subtítulo “O afrodescendente ilustre” [Da forma como está, dá a entender que Bakhtin se refere, especificamente, ao caso de Machado de Assis. Sugiro uma pequena reescrita ou pequeno acréscimo (algo como “recorrendo aos termos de Bakhtin”) para evitar essa confusão.]

-- Após a citação traduzida do texto de Lacerda, há a seguinte chamada: LACERDA, 1991. Creio que há um erro aí no ano, não? Verificar. APROVADO COM SUGESTÕES [Revisado]

Alex Sander Luiz Campos – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Cefet-MG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-5897-7418>; alex.campos@ifnmg.edu.br

Parecer emitido em 22 de julho de 2024.

Parecer IV

Tendo em vista, as correções realizadas na versão original do artigo, recomendo sua publicação. APROVADO

Juracy Ignez Assmann Saraiva – Centro Universitário Feevale, Campus II, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-1783-2850>; juracy@feevale.br

Parecer emitido em 01 de setembro de 2024.

Editores responsáveis

Beth Brait

Elizabeth Cardoso

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara